cia não é vazio, não é ausência: «a ignorância é um tecido de erros positivos, tenazes, solidários» (p. 14). O conhecimento só progride por rectificação sucessiva de erros, só pode resultar da «razão polémica» e não da «razão arquitectónica» (cfr. p. 195): o *imediato* terá sempre de ceder o passo ao *construído*.

Assim se define, contra um empirismo sufocante, a hierarquia dos actos epistemológicos: ruptura, construção, constatação. Ou como também, sintèticamente, afirmava BACHELARD, o vector epistemológico vai do racional ao real.

João Ferreira de Almeida

GAOUZNER, N. — *A Classe Operária irá Desaparecer?* — Editorial Estampa, Lisboa, 1972, 124 pp.

N. GAOUZNER pretende refutar as teses de uma certa sociologia, pródiga em asserções de contorno «científico» respeitantes ao progressivo desaparecimento da classe operária e paralela constituição de uma vasta «classe média» nas sociedades industrializadas. E, consequentemente, o autor propõe-se «esclarecer o papel real do proletariado na sociedade contemporânea e examinar as mudanças que se produzem na sua estrutura e na sua situação».

Esclarecidos nós, os leitores-consumidores, quanto às (boas) intenções do autor, esclarecidos pretenderíamos ficar, e não ficámos, quanto à transparência do referencial conceptual utilizado. É que parece ser exactamente esta a primeira grande «pecha» deste trabalho: o estribar-se numa armadura conceptual relativamente distorcida, mesmo confusa, carecida de rigor teórico, de coerência com a perspectiva teórica onde iniludìvelmente intenta assentar: a análise marxista. Vejamos e exemplarmente: o próprio conceito de *proletariado,* peça basilar de uma utensilagem analítica pertinente para desbravar a área apontada, surge definido de um modo a prestar-se a velho-e-relho equívoco. Depois de operar a distinção entre os diversos grupos de agentes sociais consoante a sua situação perante os meios de produção, «uns são proprietários de pequenas ou de grandes fábricas ..., os outros para viverem ...», o autor cai na falsa identidade «classe operária = salariato», resultado de uma inadequada conceptualização de trabalhador produtivo. Com efeito, o salário, mera forma jurídica de repartição do rendimento, não permite circunscrever a classe operária.

Mas há outro vício de que este trabalho está impregnado, que é o seu «modo de dizer» as coisas. E di-las às vezes assim: «Este [o movimento operário] desempenha honrosamente a sua missão histórica, sem se deixar iludir pelas mentiras e calúnias que se erguem, quer da direita, dos monopólios e dos seus sábios defensores, quer da esquerda, dos maoístas». E um «tom» destes ...

Bem, mas inventariemos os principais pontos abordados. Num primeiro, o autor fala-nos de «a concentração» do capital e a «proletarização dos trabalhadores», refere a extensão absoluta e relativa do proletariado provocada pela concentração dos meios de produção, «devido a leis económicas objectivas». A «revolução» científica e tecnológica e suas consequências na estrutura da classe operária quanto aos ramos, profissões e qualificações são o objecto de um segundo ponto, aliás desenvolvido de forma ampla e relativamente consentânea com a evolução da divisão social e técnica do trabalho. Depois, é o processo de proletarização dos empregados, do pessoal técnico, etc., no quadro do capitalismo monopolista, que é tratado, avançando o autor em apoio do seu ponto-de-vista uma quantidade apreciável de dados estatísticos, como de resto em relação a todos os outros pontos. Segue-se uma análise evolutiva dos «principais destacamentos do proletariado», uma resposta (correcta) à questão «a exploração do capital pelo trabalho está em vias de desaparecer?» E, finalmente, a afirmação peremptória (mas à boa maneira de «hino») que «a luta de classes progride».

Eduardo de Freitas

The Limits to Growth — A Report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind — Ed. Earth Island, Ltd., London, 1972, 197 pp.

Apesar de amplamente discutido e divulgado (ou talvez por isso mesmo) é oportuna uma referência ao relatório do Massachussets Institute of Technology, para o «Club de